Abraão é o protótipo do homem, aquele que sonha — e como ele alimentou seu sonho de ter com Sara uma descendência, como ele aguardou o esperado! Ele manteve seu sonho apesar das condições contrárias, porque ele era um homem de fé e tinha a garantia de Deus. E é também o protótipo do homem como aquele que, embora seja o sonhador, precisa ver seus sonhos morrerem para acolher o que chega, a realidade — e que realidade inesperada, adversa, absurda para a compreensão, imposta pelo mesmo Deus que havia garantido seu sonho! E ele ainda é o protótipo do homem por ser aquele que, em seu gesto, realiza em si, de modo autêntico, originário, essa condição essencial do Dasein: ser o vazio necessário ao vir-a-ser que caracteriza a existência.

Seu sacrifício é paradigmático, porque é o exemplo gritante que mostra essa condição própria dos homens: fecundar a realidade com seus sonhos e ao mesmo tempo servir de terra a ser fecundada pela realidade. Ele não discute com a realidade. Ele não pergunta: "Mas, Senhor, qual é o sentido disso? Por que essa contradição?"

Ele aceita e, em seu gesto, realiza esta condição própria dos humanos de ser húmus, terra fértil que acolhe a semente que cai sobre ela. Abraão é o exemplo, no mais alto grau, da total disponibilidade de aceitação dessa condição humana. É aquele que sempre responde ao chamado — Eis-me aqui...

A TERAPIA E A ERA DA TÉCNICA

No início da profissão, o terapeuta frequentemente sente-se pressionado diante de questões que lhe são dirigidas referentes à eficácia da terapia. Essas questões surgem em conversas cotidianas e muitas vezes são postas pelo paciente que o procura. O que se quer saber, em suma, é se a terapia funciona, se ela ajuda mesmo na resolução dos problemas e se é um processo muito demorado.

Nesse momento, se ele trabalhar com um referencial da psicologia comportamental, por exemplo, ele encontrará mais facilmente respostas. Mas, se ele estiver no referencial da Daseinsanalyse, poderá sentir alguma dificuldade em reconhecer, diante daquele que indaga, que a terapia não dá garantia de um resultado, não visa à cura, e leva tempo. Mas isso significa que a Daseinsanalyse não tem compromisso com nada? Se esse fosse o caso, para que ela serviria então? Ela produz algum efeito? Como isso se avalia? Quais são os seus critérios? Há alguma medida objetiva que possa avaliar se a terapia produziu a mudança, se ela correspondeu à demanda inicial?

É compreensível que surjam essas questões, pois elas fazem sentido em nossa época. Todos nós estamos imersos no mundo da técnica. Embora não haja propriamente conflito entre esse mundo e a nossa concepção de terapia, reconhecemos que ela não se encaixa nos parâmetros que vigoram neste nosso tempo, em que as palavras de ordem são objetividade, pressa, controle. Como é que se tem o "controle de qualidade" da terapia? Qual é o "produto" que ela oferece?

Diante dessas questões todas, é importante que pensemos um pouco a respeito do que é isso que estamos chamando de mundo da técnica.

Na linguagem corrente, técnica significa um modo de fazer alguma coisa, um meio para produzir algo. No mundo contemporâneo, porém, técnica não é simplesmente isso, ela não é um mero fazer humano. Ela não é também apenas uma dimensão entre tantas outras que compõem o nosso mundo.

Tendo como ponto de partida o pensamento heideggeriano, em *A questão da técnica*, podemos dizer que a técnica é o que fundamentalmente caracteriza a nossa época. Esta é a época em que tudo pode ser produzido, em que tudo é factível, de maneira cada vez melhor e mais rápida e, por isso, tudo pode ser substituído por um modelo mais novo, não só no que diz respeito aos artefatos, mas em todas as áreas. As novidades produzidas surgem a toda hora e se impõem rapidamente. Nossa época tornou-se a época na qual não há mais lugar para mistérios, para nenhuma dimensão encoberta, para nada que recue diante do poder da razão e da vontade. Se não se conhece ou não se sabe algo, é só uma questão de tempo; é porque ainda falta pesquisar mais, aprimorar os cálculos, pois tudo é uma questão de cálculo, e as conquistas científicas estão aí e provam o poder do homem para produzir conhecimento útil ao progresso, para produzir mais técnicas, mais recursos para que tudo funcione melhor, para trazer faci-

lidades, bem-estar, saúde, felicidade; para controlar as variáveis todas que possam interferir no desenrolar-se das situações, dos acontecimentos, da vida, para que tudo funcione de acordo com objetivos definidos como desejáveis. E, realmente, salvo certos acidentes de percurso, tudo funciona bem mesmo.

E tudo colabora para que funcione, pois o homem está convocado a cuidar do funcionamento, a olhar para a natureza como a matéria-prima a ser transformada para produzir todas as formas possíveis de energia para manter o mundo funcionando; a natureza está aí para isso mesmo, ser o fundo de reserva a ser explorado, transformado, armazenado, usado e, mais recentemente, reciclado. Não só a natureza, mas todo o real é visto como aquilo que subsiste para ser explorado. Mesmo o homem, aí ele está incluído como o material humano, também como fundo de reserva a ser convocado pelas exigências da técnica. A técnica mantém o homem adequado àquilo que lhe é proposto nesta época: ser aquele que, diante da natureza, diante de tudo o mais que ele encontra, deve extrair dali algo que diga respeito à produção de algo. E, para que ele se sinta bem, até para que produza bem, a técnica produz e vende as informações que o tornam ciente da importância do descanso, do lazer, do aprimoramento cultural. Ela torna disponíveis no mercado os meios para que ele cuide de si, ou seja, de sua mente, de seu corpo, de sua vida social, de sua chamada vida pessoal. Ela diz o que e como fazer para otimizar sua produção, para ser alguém agregador, capaz de autocontrole, de liderança, apto para ir em busca de seus interesses. Ela ensina também que é importante que ele se valorize, e isso se chama autoestima, que ele seja dono de suas opiniões, e isso se chama pretensamente autenticidade, o "seja você mesmo". Entretanto, mais do que em qualquer outra época, o homem hoje é jogado na impessoalidade, ele é "todo mundo". Ele é absorvido pela vontade autônoma da técnica.

Em outros tempos, na Grécia dos filósofos, a palavra técnica significava outra coisa. Techne designava o controle de um

processo de produção e incluía também as artes. O importante da técnica não era o fato de empregar meios, mas o fato de que, ao produzir alguma coisa, essa alguma coisa, que até aquele momento não existia como realidade, estava no encobrimento, passava a ser real, era trazida à luz; alguma coisa que ainda não era passava a ser. Isso era produzir (poiesis) e produzir implicava a presença de uma techne. Ao mesmo tempo, também fazia parte daquele mundo a compreensão de que havia coisas que não eram produzíveis. Em nossa época, porém, tudo, em princípio, é produzível. Hoje tudo o que faz parte da realidade é visto ou como produção ou como matéria-prima para a produção, tudo se enquadra nesse esquema, e o que não se enquadra não é digno de ser pensado. Não há espaço para o que não se encaixa no pensamento calculador. Não há espaço para o mistério, para o sagrado; tudo, em princípio, está ao alcance da razão e da vontade. O pensável reduziu-se ao imediato, encolheu-se o horizonte. Não cabem mais aquelas perguntas que já fizeram parte das preocupações filosóficas no decorrer da história da filosofia: Que é ser? Que é o ente?

não há espaço para o mistério

O progresso científico tem permitido cada vez mais um aumento do controle em todos os âmbitos, e a vontade de que tudo possa ser controlado só aumenta. Para controlar uma situação é preciso ter sobre ela um conhecimento até onde for possível objetivo, estabelecer com precisão exatamente as metas a serem atingidas.

Técnica, então, atualmente, não é simplesmente sinônimo de procedimento. Um procedimento pode ter características pessoais, pode ser um jeito próprio de alguém realizar alguma coisa. Mas a técnica é impessoal, ela é autônoma com relação ao sujeito. Uma técnica deve poder ser usada por não importa quem, contanto que seja bem aprendida. E o que ela produz também deve servir para qualquer pessoa que pertença ao público ao qual seu produto é destinado. O importante é que haja um objetivo bem definido, a especificação dos meios, dos instrumentos

pelos quais o objetivo será atingido. Ela deve chegar ao resultado previsto com exatidão, segurança e rapidez. Deve poder ser avaliada por meios previamente definidos com objetividade e, por isso, é importante a padronização em seu processo. Uma técnica é avaliada como útil quando é eficiente em vista do que se propõe atingir e quando o faz sem ou com o mínimo de efeitos colaterais, o que pode ser evidenciado por meio de pesquisas e com o emprego da estatística.

O que o mundo da técnica produz, seja o que for, um automóvel ou um preceito para que sejamos mais felizes, é sempre um produto disponível no mercado. E as diversas técnicas, elas mesmas, também são produtos a serem vendidos, elas são transferíveis.

Pelo fato de ser tão eficiente na obtenção de resultados, a técnica representa um poderoso instrumento de controle das mais diversas situações, e ter o controle é ter o poder. Em todos os setores do mundo atual a técnica está presente, e não é mais possível imaginar o mundo sem ela.

A história do mundo caminhou nessa direção sem volta, e tudo isso que compõe esse estado de coisas a que chamamos técnica já se estruturou de tal modo que agora funciona de uma maneira autônoma: a própria técnica gera mais técnica. Sua grandiosidade se espalha e se mostra por todos os lados, e ela se impõe como aquilo que dá a cara do mundo contemporâneo.

Diante desse panorama que compõe a época em que vivemos, é compreensível que o processo de terapia também seja visto e avaliado dentro dessa mesma perspectiva, pelos mesmos parâmetros: precisão de objetivos, eficácia, rapidez, apresentação de resultados. Terapia funciona? Fazendo terapia ganha-se um controle maior de si mesmo e das situações da vida? E, então, aquelas questões que são postas a respeito de sua eficácia têm sentido. As necessidades de controle, de domínio, por exemplo,

que estão presentes em todos os setores no mundo da técnica, aparecem também nas palavras daquele que procura a terapia.

Há aqueles que chegam e reclamam das pessoas com as quais convivem, cônjuges, filhos, pais, chefes, subordinados, ou seja, o problema está nas relações em que estão em jogo questões de poder, de definir quem manda, e aí surge, ainda que veladamente, um desejo de exercer melhor o poder por meio do controle das situações.

E há os que reclamam de si mesmos e buscam o autodomínio. Alguns precisam dominar o corpo. A necessidade de controlar o corpo aparece em exemplos como estes: "Não gosto da aparência do meu corpo, quero ser magro, preciso aprender a dominar a minha vontade de comer, me ensine um jeito, pois dizem que tem gente que come por ansiedade, me livre da ansiedade. Ou você me aconselha uma cirurgia de estômago? Há técnicas novas para isso; o que você acha?" O desejo de domínio pode ser relativo a certos estados do corpo: "Transpiro excessivamente, isso deve ser emocional, porque acontece quando estou nervoso numa situação, eu quero saber como se faz para controlar essa coisa tão chata." Outro ainda chega e diz: "Meu problema é que eu tenho ejaculação precoce, e preciso controlar isso logo, porque está sendo um complicador no meu relacionamento." Há aquela mulher que quer poder dominar as dores que sente: "Meu corpo todo dói, e meu médico disse que é psicossomático; ele falou para eu procurar um psicólogo, então eu espero que, vindo aqui, você consiga fazer com que eu pare de sentir essas dores."

Outros dizem que precisam dominar as emoções, as fantasias, os momentos de angústia, de ansiedade. Não querem sentir raiva, tristeza, inveja, pois nesses momentos eles se sentem mal, e é preciso cultivar as emoções "positivas". Alguns vêm em busca de um jeito de modificar seus comportamentos agressivos, sua impulsividade, esse tipo de coisa que os atrapalha na vida social e no trabalho. Outros querem afastar a falta de ânimo,

isso diminui muito a produtividade. Há os que buscam adquirir mais calma, pois estão explodindo em casa e no escritório, o que não é bom, isso está funcionando como um autoboicote em sua carreira. Aquele outro precisa aprender a não ficar tão absorvido por preocupações. Outros ainda precisam urgentemente controlar a compulsão: pela comida, pelo sexo, pelo trabalho. E há a busca aflitiva daqueles que precisam conseguir dominar um determinado TOC.

As queixas são de diversos tipos, mas o fato é que, quando alguém recorre a um terapeuta, ele tem uma expectativa de que, a partir disso, possa encontrar uma solução para algo que está causando algum tipo de sofrimento. Há sempre uma sensação de opressão. Mas é ainda mais sofrido quando o que existe é um sentimento de estranheza: "Eu não consigo entender o que está acontecendo comigo, não estou me reconhecendo, não sei o que eu quero. Estou ficando diferente de todo mundo. De repente, estou agressivo à toa, outra hora baixa uma tristeza incontrolável." Ele sente que está vivendo numa submissão a isso que está se passando com ele, a isso que está sentindo e não sabe o que é. Sofre como alguém que foi dominado por algo. Ele precisa se livrar disso, precisa poder dominar esses sentimentos estranhos.

Em geral, a pessoa quer se tornar capaz de eliminar de si mesma certas coisas que a estão atrapalhando, quer ter mais poder para conseguir isso, e ela conta com o terapeuta como alguém que certamente tem poder para fazer com que ela atinja esse objetivo. Neste nosso tempo da técnica, faz muito sentido que, tendo detectado o que a está perturbando, ela queira saber com objetividade se o terapeuta vai conseguir responder à sua demanda e quanto tempo levará.

O que foi dito acima como exemplos das solicitações dos que procuram terapia é para ser considerado com muita seriedade, pois, em cada um desses pedidos, há um sofrimento. Entretanto, o que é preciso ser notado é que, em geral, a pessoa ao

chegar expressa seu desejo de que o terapeuta seja capaz de livrá-la de alguma coisa que está atrapalhando e precisa ser extirpada de sua vida... e depressa! Ali existe certamente uma questão humana em jogo, cujo sentido mais amplo fica perdido na maneira como o mundo da técnica costuma se aproximar do humano.

O modelo da técnica faz-se notar na psiquiatria, na psicologia. Aí estão presentes a necessidade do diagnóstico para ser definido com precisão o que se pretende atingir, a escolha do tipo de intervenção, a estimativa da eficiência do tratamento, a minimização de efeitos colaterais. Espera-se que o profissional responsável pelo emprego dessa técnica tenha segurança de que o resultado esperado seja atingido. Na clínica, de modo geral, quem procura o tratamento vai em busca do médico ou do terapeuta como alguém que poderá libertá-lo de um mal, pois, afinal, esse profissional deve ter uma técnica eficaz para dominar ou controlar aquilo que o faz sofrer, e o profissional tende a corresponder a essa ideia. Ele procura detectar qual é o mal, qual é a doença, qual é o distúrbio. Ambos concordam que é preciso dominar esse mal.

No entanto, no caso de a terapia procurada ter por base a Daseinsanalyse, como se situa o terapeuta? Obviamente, esse terapeuta compartilha o mesmo mundo da técnica, é aí que ele vive seu cotidiano, sua rotina diária, usufruindo das comodidades que a técnica provê. Entretanto, tendo se aproximado das experiências de mundo e de ser humano próprias da Daseinsanalyse, ele insiste em pensar que o mundo, como horizonte a partir do qual todos os entes podem ser, inclusive a técnica, sempre recua para mais longe, ganha uma distância, não está contido no âmbito da técnica; ele insiste em pensar que o ser humano, em sua condição de ser o Dasein, o ser-aí, aquele para quem todos os entes se manifestam, tem uma destinação existencial que o distingue de todos os outros entes, ou seja, ele é chamado a ser o poder-ser que

ele é. E esse poder-ser não se limita a corresponder às solicitações feitas pela técnica, mas se abre para muito além disso.

Ao receber o paciente, o terapeuta compreende as razões pelas quais ele foi procurado, mas deve saber que ali está só o começo. Ele sabe que não pode prometer realizar exatamente o que o paciente solicita naquele momento. Sabe que não tem esse poder. Sabe que aquilo que o paciente diz que é o seu "mal" está ancorado em tantas outras coisas que compõem a sua vida e que chegar perto disso para desmanchar certos nós leva tempo. O que o terapeuta pode é ter o compromisso de percorrer com o paciente um caminho em que, juntos, se aproximarão da história vivida por ele, dos seus modos de ser consigo mesmo e com os outros, dos seus planos de futuro, do que tem constituído a sua vida, incluindo aí aquilo pelo que ele procurou a terapia.

O que ele pode, honestamente, oferecer ao paciente é a parceria na procura pela verdade de sua história, da qual fazem parte o seu momento atual, o já vivido e o que está por vir, pois essa história está sempre em aberto; história que reúne sua realidade e seus sonhos, suas conquistas e suas perdas; história que é a sua identidade. O tempo que durar essa procura poderá ser a oportunidade para que o paciente se dê conta de seu jeito de ser no mundo, para que ele amplie sua compreensão de si mesmo como alguém que tem a responsabilidade pelo cuidado de sua vida, cuidado esse que abrange os outros e o mundo. Mas o terapeuta não sabe quanto tempo será necessário. Basta isso para vermos como essa concepção de terapia se afasta dos parâmetros do tempo da técnica.

Diante daquela necessidade de controle, de domínio, fica para nós a pergunta acerca do seu significado. E o que se mostra aí é a necessidade de poder. E o que fascina no poder? Ora, o poder permite fazer o que quiser, realizar os desejos, destruir o que está pressionando, livrar-se do que incomoda; e o que inco-

moda pode ser uma pessoa, uma situação ou as amarras que nos prendem no pânico, na alucinação, no TOC, na depressão. Mas quando a pessoa olha para o que está vivendo e diz — sou eu o problema —, como livrar-se de si mesma? E quando ela olha para sua vida e se pergunta — para quê?—, de que ela precisa se livrar? Da vida? A perspectiva seria, então, acabar com a vida? O terapeuta vê que a referência à possibilidade de dominar o problema ou de acabar com ele não resolve, não é a melhor.

A palavra dominar liga-se ao latim *dominus*, que significa literalmente mestre ou senhor e que nos faz pensar naquele que dá ordens. Mas a raiz de *dominus* é *domus*, e significa casa, ou o familiar. A casa nos mostra a intimidade. Em vez de precisar dominar o que incomoda, no sentido de controle, de exercício de poder, na tentativa de afastar o incômodo para longe, o terapeuta procura, junto com o paciente, dominar o que incomoda, mas no sentido de poder se aproximar do seu problema, se familiarizar com o modo como esse problema se mostra em sua existência.

Ao invés da atitude dominadora, a proposta é obedecer ao problema. Esta parece ser uma proposta estranha. Mas não se trata de obedecer como subordinação, mas de obedecer no sentido que essa palavra também tem em sua ligação com *ob-audire*, isto é, dar ouvidos a. É importante dar ouvidos, ouvir de perto o que está nos dizendo aquilo que nos incomoda. A referência, então, é outra: dominar é ter familiaridade; dominar é obedecer.

Dominar o corpo é ter familiaridade com ele, é aprender a ouvi-lo. De um modo vigoroso, a literatura consegue mostrar o que é essa familiaridade.

Saint-Exupéry, piloto e escritor francês, em *Terra dos homens*, conta o que ouviu de seu amigo Guillaumet quando este, considerado morto após o pouso forçado de seu avião na neve dos Andes, reaparece e diz, orgulhoso dos humanos: "O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem era capaz de fazer."[1] Guillaumet, em seu relato, diz que, quando conseguiu sair do avião, cavou um abrigo na neve, onde esperou por 40 horas. Depois disso, andou durante cinco dias, sem comida, fazendo escaladas, pés, mãos e joelhos sangrando. Numa das vezes em que caiu, estava tentado a desistir de tudo e simplesmente dormir. Mas lembrou-se de sua mulher. Se parasse, ele morreria ali e, quando chegasse o verão, seu corpo rolaria com a lama para um precipício, nunca seria achado, e, assim, ela não poderia receber seu seguro de vida, ficaria na miséria. Havia um rochedo que emergia da neve 50 metros à sua frente. Pensou então: "Se me levantar poderei chegar até lá. Se escorar bem o meu corpo na pedra, ele será descoberto quando vier o verão." Pôs-se em pé e andou mais três dias. Em certo momento, diz Guillaumet, "o coração me caiu em pane... Hesitou, deu mais uma batida... Uma batida estranha... Senti que se ele hesitasse um segundo mais seria o fim. Fiquei imóvel, escutando" (...) "Vamos, força! Veja se bate mais... garanto-lhe que é um coração de boa qualidade." O coração hesitava, mas depois recomeçava. Guillaumet acrescenta: "Se você soubesse como tive orgulho do meu coração!"[2]

Nessa descrição, nós nos deparamos com um ser humano jogado numa situação ao mesmo tempo de extrema indigência e de uma vontade imensa de sobreviver. E quando essa vontade está terminando, ele ainda é impelido a resistir sempre um pouco mais, em nome do sentido que tem para ele o cuidado com a vida de sua mulher — como ele diz, coisa que só um homem era capaz de fazer. Ele vive intensamente suas sensações corporais, pois a fome, o frio, o cansaço, as dores, são limitações que se impõem. Guillaumet tem o tempo todo sua corporeidade muito presente. Dá ouvidos ao que seu corpo está lhe comunicando, e, intimamente, "conversa" de maneira familiar com seu coração.

1 SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos homens*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006, p 35.

2 Idem, p. 40.

O escritor americano Hemingway, em *O Velho e o mar*, descreve a naturalidade com que o velho pescador Santiago vive sua corporeidade, como ele confia na resistência do seu corpo capaz de aguentar a luta para não perder o grande peixe que ele já tinha fisgado, tendo, ao mesmo tempo, muito presente seu extremo cansaço e suas dores. Ele precisa da força das duas mãos, mas a direita já está ferida e a esquerda, que segura a linha, está tomada de câibras. Essa mão não pode falhar agora! Ele reclama da mão rígida e inerte: "Que espécie de mão é esta? Toda cheia de câibras. Até parece uma garra sem vida. Não presta para nada." Mas em seguida se propõe a ajudar a mão. Ele pensa: "Vamos (...) Coma o atum agora para dar mais força às mãos. Aquela mão não tem culpa e já se passaram muitas horas desde que senti o peixe pela primeira vez." Depois pergunta: "Como é que você se sente, mão? (...) Vou comer mais por sua causa. (...) Tenha paciência, mão, estou comendo isto para lhe dar forças." Quando vê que não consegue abrir a mão, diz: "Mas por enquanto não quero abri-la à força. Esperarei que se abra naturalmente e recupere a mobilidade por si própria."[3]

Esses são exemplos literários que nos falam desse modo de ser próximo ao que está se passando em nosso corpo, dessa capacidade de prestar atenção ao que o corpo está comunicando. E aqui podemos repetir: dominar é ter familiaridade; dominar é obedecer, é dar ouvidos ao que pede para ser ouvido.

Dominar as emoções é poder ouvir o que elas estão dizendo. É olhar para o que está aparecendo — estou muito triste — e poder perguntar: Como é essa tristeza? É fria ou é quente? Porque há uma tristeza quente, que nos aproxima do mundo, que nos deixa comovidos com tudo, e há a tristeza fria, que é raivosa,

3 HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010, pp. 62-64.

é amarga, engole a pessoa para dentro dela. E a sua como é? E num outro momento — que raiva estou sentindo! Pare perto da raiva e ouça o que ela diz, para saber se é mesmo raiva daquela pessoa ou se é raiva porque ela se colocou numa situação em que você, que gosta tanto dela, não consegue ajudá-la. E naquela hora — eu não estou aguentando esta perda — , poder chegar bem perto de sua dor, sentir que não é possível afastar a dor da perda e aceitá-la como sua, ela vai fazer parte de sua vida; assim foi dado acontecer. A dor da perda que nos foi dada é proporcional ao tamanho daquilo que nos havia sido dado ter, e que perdemos. Não tínhamos mesmo garantia.

E essa sensação vaga de angústia que você está sentindo, será que ela não está lhe contando algo sobre a possibilidade de um crescimento que se anuncia? Você não está pressentindo que precisará abandonar um jeito conhecido de ser para vir a ser de outro jeito? E enquanto o novo não chegar, como você ficará sem o abrigo do velho? Ficará como o siri que, ao crescer, quebra a casca e, desprotegido, precisa ficar na toca?

Angústia

Dominar o comportamento é ouvir o que o comportamento diz. Esse seu comportamento que você está achando tão estranho não está mostrando para você o seu medo, o seu desamparo como o de uma criança assustada por se sentir ameaçada?

E, quanto ao que está acontecendo nas suas relações, se você prestar bastante atenção, o que você ouvirá? Chegue perto da monotonia do seu cotidiano de que você tanto se queixa, do aborrecimento com a pessoa com quem você vive. Como você está sendo nessa monotonia? Talvez você veja que não é ou que não precisaria ser tudo assim tão igual e repetitivo. Você se lembra da música *Cotidiano* do Chico Buarque? A música começa com a seguinte frase: "todo dia ela faz tudo sempre igual..." Será

que esse marido enxerga bem sua mulher? E ele, o que ele faz todo dia? Será que ele dá ouvidos ao que esse seu cotidiano está lhe dizendo? E, quanto a você, como é? E, se tudo for mesmo uma sistemática repetição, chegue perto desse tédio e ouça o que ele conta a respeito do que está sendo oprimido por ele.

Enfim, junto ao paciente, é mais importante deter-se no "como" ele está sentindo, no "como" está vivendo o que acontece com ele do que na preocupação em detectar o "que é" isso que acontece. É importante favorecer que ele possa se aproximar de seu modo de ser em sua vida cotidiana, dos sentimentos que aí estão presentes; possa ampliar sua compreensão de como tem sido seu modo de cuidar de sua existência, isto é, de seus projetos de vida, de suas relações com os outros e com as coisas em geral. Esse olhar de perto seu existir pode ser a oportunidade para que ele se dê conta de como seu jeito de ser, suas atitudes, o que ele faz e o que deixa de fazer repercutem no mundo; e também para que veja que nem tudo depende dele. Podendo se aproximar de si mesmo como uma história que está acontecendo, que está em aberto, é possível que surja um espaço para a esperança. A esperança supõe que se tenha, agora no presente, a perspectiva do tempo que chega do futuro. Um tempo que é a ocasião para que as coisas aconteçam.

E aqui aparece um jeito peculiar de lidar com o tempo que não cabe nos padrões do mundo da técnica. Para a técnica, o tempo é sempre calculado como um fator a ser levado em conta para decidir quanto ao uso de um procedimento. Na perspectiva da técnica, tempo e resultado são quantificáveis e, portanto, podem ser medidos. Para se atingir um resultado tal é previsto um tempo tal. Se tiver sido usado um tempo a mais, esse terá sido um tempo perdido, e perda de tempo deve ser computada como prejuízo.

Temporalidade

Certamente não podemos desconsiderar o passar do tempo medido pela contagem dos segundos, minutos, dias, meses, anos. Essa contagem do tempo pertence ao nosso modo mesmo de ser-no-mundo. Esse é o tempo cronológico. Mas essa marcação do tempo já é algo derivado do modo de "ser" temporal do Dasein, que é como estamos considerando o ser do homem. Ser temporal é constitutivo do Dasein, que é ser-aí e que é nesse aí, que é o Dasein, no qual tempo se dá. E se dá como tempo em que futuro, passado e presente se alcançam reciprocamente, e esse dar-se do tempo é sempre a ocasião para o dar-se dos acontecimentos.

Porque temos do tempo essa compreensão que não se limita à concepção de um tempo linear, cujo passar pode ser avaliado ao olharmos para o relógio ou para o calendário, e o consideramos como a ocasião para que os acontecimentos se deem, para que as coisas se mostrem, podemos esperar que a terapia, que acontece concretamente num dia da semana, numa certa hora do dia, durante um provavelmente longo período de tempo, isto é, inserida no tempo cronológico, seja mais do que algo que acontece na linha do tempo. O encontro terapêutico é, ele mesmo, tempo, um tempo privilegiado, a ocasião em que o paciente pode se aproximar do seu existir. É quando, não importa se passado, presente ou futuro, tudo pode se apresentar a ele. É quando ele pode se ver como uma história que está acontecendo.

O tempo assim considerado abre para o paciente uma perspectiva de um depois. Isso faz uma enorme diferença. Eu me lembro de uma ocasião em que me queixava a meu terapeuta, contando a ele como estava arrasado com o fracasso de um projeto que era muito importante para mim. Dizia-lhe o quanto eu era desajeitado, despreparado, o quanto eu tinha sido arrogante na minha pretensão. Eu estava com muita vergonha de mim. Eu era um incapaz, e estava realmente disposto a abandonar os meus sonhos. Passei a sessão toda contando para ele honestamente, com detalhes, tudo o que me fazia sentir o sujeito incompetente que eu era. Ele deixou que eu fosse falando, e, só quase no fim,

como quem realmente tinha compreendido as minhas razões para me sentir daquele jeito, acrescentou à minha fala duas palavras decisivas para mim: "por enquanto". Em seguida, comecei a rir. Eu era sim tudo aquilo, mas por enquanto...

Pelo que dissemos aqui, vemos que a terapia, como a concebemos, não se acha em conflito com o mundo da técnica, mas existe numa outra referência. Por tudo o que ela é, ela não tem como ser uma técnica, não pretende ser uma técnica, e, exatamente por não ser uma técnica, ela acontece como um dos poucos contextos que possibilitam a um ser humano da atualidade o poder cuidar de certas questões humanas, que ultrapassam os parâmetros que caracterizam o mundo em que a técnica é soberana.

O que a terapia pode fazer por alguém é aproximá-lo da verdade de sua vida, de si mesmo, e isso significa possibilitar que ele se aproprie de sua história. Apropriar-se de sua história é aceitá-la como a sua, retomar e rever os significados e os sentidos do já vivido, do que está sendo vivido agora e poder ver que o tempo está sempre aberto. O modo como o problema que a pessoa havia trazido se encaixa no contexto da sua vida poderá ficar mais claro para ela, e é possível que apareça uma solução para ele, ou não. Aqui, lembramo-nos do dizer de Jung no prefácio de *O Segredo da flor de ouro,* livro clássico do taoísmo: há problemas que não são resolvidos, são ultrapassados.

O que possibilita a terapia é o fato de, como humanos, sermos dotados da palavra. A palavra inscreve todos os acontecimentos, todas as questões humanas na totalidade da história. A palavra constrói um espaço em que se pode morar.

A terapia não traz conformismo. A inserção histórica não significa diminuir-se frente ao que aparece. Poder habitar a sua história, familiarizar-se com o que ela comporta de sonhos e de realidade é poder obedecer, isto é, dar ouvidos ao que pede para ser ouvido. Essa obediência é o que permite aceitar a realidade e

ir além dela, transcendê-la, ganhar uma distância, poder ampliar um horizonte.

Mundo é o horizonte das possibilidades de manifestação dos entes, e a configuração do nosso mundo atualmente é dada pela técnica. Não obstante, ainda que seja essa a sua configuração particular, ainda que as referências significativas desse mundo se cristalizem na técnica, mundo "traz sempre consigo uma força de projeto. Todas as possibilidades de configuração de mundo jamais se resumem a uma possibilidade particular qualquer, de modo que toda e qualquer possibilidade particular de uma tal configuração já sempre encerra em si algo silenciado."[4] E, embora o Dasein seja sempre enraizado em seu mundo fático, embora ele possa se perder nas referências cristalizadas de seu mundo cotidiano, ele também pode ser "em sintonia com o que está silenciado em seu mundo e que, ao mesmo tempo, espera para ser acordado."[5] O que silencia é aquilo que permanece retraído, encoberto, não como mera negação dos entes, mas como o que, no encobrimento, traz em si mesmo a possibilidade de que haja a abertura para a manifestação dos entes, para o mundo como horizonte. O Dasein existe, *ek-siste*, aberto não só para o mundo como horizonte de tudo o que se manifesta, mas também para aquilo que se retrai, que se oculta e silencia.

Por isso, apesar do predomínio, da exuberância gritante da técnica, há a possibilidade de prestarmos atenção e darmos ouvidos ao que silencia, ao que fica no encobrimento. Talvez nos lembremos de que o essencial do homem não consiste em ser aquele que é convocado a ver nas coisas, na natureza, nas pessoas, um fundo de reserva para ser explorado, usado, tendo como meta a

4 CASANOVA, Marco Antonio. *A linguagem do acontecimento apropriativo*, in *Natureza humana*, vol. 4. n.2. São Paulo: Editora EDUC, 2002, p. 321.

5 Idem.

produção de algo. Talvez assim nos seja dado um espaço em que possamos não submergir na necessidade da pressa, do controle, do imediato. Talvez possamos ir mais além, mais longe, mais distante, numa distância em que tudo pode se dar, até mesmo a presença do divino, a distância que é o vazio de um horizonte que é de cada um.

Prece, uma poesia de Fernando Pessoa, nos fala dessa distância tão necessária e que constitui, a meu ver, o pro-pósito da terapia em Daseinsanalyse:

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem, — ou desgraça ou ânsia —,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa.[6]

6 PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1969, p. 83.

DASEINSANALYSE E CLÍNICA

No campo da psicologia, o que é entendido como clínica é principalmente a psicoterapia, ou seja, o trabalho clínico no consultório. Mas esse trabalho clínico pode ter como base concepções psicológicas diferentes, das quais resultarão diversas formas de psicoterapia. Assim, torna-se difícil dizer com precisão o que é a clínica. Não só variam aqui as teorias psicológicas, mas o próprio conceito de psicologia nem sempre fica muito claro. Por isso, quero me deter aqui na compreensão dessa palavra psicologia.

Aí encontramos, etimologicamente, logos e psique. Pensemos um pouco na história desses dois termos.

Podemos ver no livro de Heidegger, *Heráclito*, que a palavra logos já aparece no século 6 a.C. com Heráclito. Esse filósofo dizia em seu framento de número 50: "Auscultando não a mim, mas ao logos, é sábio dizer que tudo é um".[1] Se pensarmos o "um" como o que unifica ou reúne, compreenderemos o sentido de

1 Heráclito, Fragmento 50, em: Pensadores Originários. Petrópolis: Vozes, 1998.